



Protestantismo em Revista é licenciada  
sob uma Licença Creative Commons.

# Contingência e Liberdade em Rorty: e uma possível aproximação da filosofia nietzchiana da imanência

Contingency and Freedom in Rorty: and a possible approximation of the Nietzschean philosophy of immanence

José A. S. Almada\*  
Wellington L. Amorim\*\*  
Everaldo da Silva\*\*\*

## Resumo

O desenvolvimento de uma filosofia a partir da negação da metafísica, embora já tenha sido feito antes por pensadores como Schopenhauer e Nietzsche, assume novas perspectivas a partir do pensamento de Richard Rorty. A contingência, enquanto única realidade existente, corresponde ao ponto central de sua ética. Isso se deve ao fato de que a verdade foi criada pelo homem e só pode ser enunciada por meio da linguagem, que também é uma criação humana. O indivíduo que reconhece essa realidade contingente é o ironista e seu ambiente comum é a comunidade liberal. O problema de Rorty é pensar uma ética a partir da contingência, onde o ironista é capaz de se redescrever por meio do seu próprio vocabulário final. Nesse sentido, o nosso objetivo neste artigo é analisar as ideias rortyanas de verdade e de contingência, e para isso partimos da leitura da obra de Rorty *Contingência, ironia e solidariedade*. Como essas temáticas estão presentes de forma muito clara nas obras de Nietzsche, nosso segundo propósito é traçar um rápido esboço comparativo entre as teorias desses dois autores.

## Palavras-chave

Rorty. Contingência. Verdade. Linguagem. Ironia.

## Abstract

The development of a philosophy based on the denial of metaphysics, although it has been done before by thinkers such

---

[Texto recebido em 03/08/2015 e aceito em 18/07/2016, com base na avaliação cega por pares realizada por pareceristas ad hoc].

\* José A. S. Almada. Graduado em Filosofia pela Universidade Federal do Maranhão. Pós-Graduado em Ética e Filosofia Política pelo Instituto de Estudos Superiores do Maranhão. E-mail: jose.almada76@hotmail.com

\*\* Wellington L. Amorim. Doutor em Ciências Humanas pela Universidade Federal do Maranhão. E-mail: wellington.amorim@gmail.com

\*\*\* Everaldo da Silva. Doutor em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: prof.evesilva@gmail.com

as Schopenhauer and Nietzsche, takes on new perspectives from the thought of Richard Rorty. The contingency, as the only existing reality, this is the cornerstone of his ethics. This is due to the fact that the truth was created by man and can only be expressed through language, which is also a human creation. The individual who recognizes that reality is contingent ironist and his common environment is the liberal community. The problem with Rorty's thinking from an ethic of contingency, where the ironist is able to redescribe through its own final vocabulary. In this sense, our aim in this paper is to analyze the ideas of truth and rortyanas contingency, and for that we start reading the work of Rorty "Contingency, Irony and Solidarity". How these issues are very clearly present in the works of Nietzsche, our second purpose is to draw a quick sketch comparing the theories of these two authors.

### Keywords

Rorty. Contingency. Truth. Language. Irony.

## Introdução

O presente artigo tem como objetivo analisar a concepção de verdade apresentada pelo filósofo Richard Rorty em sua obra *Contingência, ironia e solidariedade*.<sup>1</sup> A temática será apresentada em dois tópicos. Inicialmente abordaremos a questão da verdade enquanto criação humana, e não como algo dado. Em seguida, passaremos para o tema central deste trabalho, que é a contingência. Para isso, fazemos uma leitura paralela do Rorty e Nietzsche, traçando um comparativo, por meio do qual identificamos a ideia rortyana de contingência com a ideia nietzschiana de imanência e a crítica da verdade feita por Nietzsche com a concepção de verdade enquanto construção humana defendida por Rorty. Nosso objetivo é pensar a possibilidade de Rorty fazer parte do rol de pensadores que, a partir de Nietzsche, passaram a ver o mundo e a si mesmo com outros olhos, não metafísicos.

## A verdade enquanto construção

A partir de Sócrates e Platão, a Filosofia passou a ser compreendida com uma busca pelos últimos fundamentos. Estes podem ser concebidos como algo que está por detrás das meras aparências. Por não ser algo empírico, o único meio que teríamos de conhecer a realidade, é a razão. Desse modo, a busca pela Verdade é puramente racional. A Verdade passa a ser compreendida como com sendo o próprio Absoluto que não se encontra nos entes materiais, uma entidade transcendente que existe em si. Logo, esta busca é infundável, sendo transcendente jamais seria conhecida ou alcançada em sua plenitude ou totalidade. O filósofo seria alguém que durante sua vida busca por algo que não está neste mundo. Dizer que o filósofo é aquele que busca a Verdade é dizer que ele

---

<sup>1</sup> RORTY, R. *Contingência, ironia e solidariedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

assume uma postura metafísica, por meio da qual o próprio filósofo concebe a Verdade como algo proveniente do mundo transcendental, totalmente exterior, ou melhor, é algo que já está dado e precisa ser desvelado.

Por outro lado, a tese apresentada por Rorty é completamente oposta à visão platônica e tradicional da Verdade. Segundo Rorty a Verdade não pode ser desvelada, ela não está dada, muito pelo contrário, ela é uma construção humana. Somos nós que construímos a Verdade, segundo as nossas necessidades, momentâneas e contingenciais: *“os seres humanos criam a verdade, em vez de descobri-la”*.<sup>2</sup> Por isto, Rorty parte da teoria de que é falsa e ilusória a ideia de que a Verdade é algo que existe *em si*, e que pode ser desvelada, assim como pensava Platão ao criar a metafísica, que reduziu os elementos do mundo material a meras cópias imperfeitas de um mundo inteligível. Rorty parece mais interessado em afirmar um certo relativismo, a partir do qual, não existindo uma Verdade absoluta para ser desvelada, o homem está constantemente recriando e redescrevendo a realidade sempre a partir de sua subjetividade. Porém, isto não implica afirmar que não existe algum tipo de Verdade:

Dizer que devemos abandonar a ideia da verdade como algo que está aí, à espera de ser descoberto, não é dizer que descobrimos que não existe verdade alguma. Equivale a dizer que serviríamos melhor a nossos propósitos deixando de ver a verdade como uma questão profunda, um tema de interesse filosófico, ou de ver ‘verdadeiro’ como um termo que justifica a ‘análise’.<sup>3</sup>

O homem constrói a Verdade, em vez desvelá-la. Para se acreditar na existência de uma verdade dada, é necessário ver o mundo como criação de um Ser metafísico, e identificar a Verdade com Deus. No entanto, a Verdade está no âmbito da contingência, sendo expressa pelo homem por meio da linguagem que também é uma construção de signos, produzindo jogos de linguagens. Sendo assim, a teoria defendida por Rorty é que *“somente as frases podem ser verdadeiras, e de que os seres humanos criam verdades ao construírem linguagens com que enunciar frases”*.<sup>4</sup> A Verdade é para Rorty uma qualidade das nossas frases, é um elemento da linguagem que é uma criação humana. Portanto, não temos como falar da verdade autônoma e independente da existência humana.

## A contingência

A Verdade não pode mais ser compreendida como sendo transcendental, mas como uma construção humana, e que só pode ser enunciada por meio da linguagem. Logo, é possível afirmar que é diante da contingência o único lugar onde ela pode ser

---

<sup>2</sup> RORTY, 2007, p. 27.

<sup>3</sup> RORTY, 2007, p. 33.

<sup>4</sup> RORTY, 2007, p. 35-36.

construída. Ao pensar a contingência, Rorty o faz a partir de três âmbitos: a contingência da linguagem, a contingência da identidade e a contingência em uma comunidade liberal. Normalmente, conceituamos contingência como sendo o oposto do necessário. Uma vez que o necessário é sempre o que há de mais universal e essencial, por outro lado, a contingência seria aquilo que é, mas poderia não ser. Por isso, desde Platão, a contingência foi vista como uma categoria sem importância, uma vez que somente seria possível elaborar um conhecimento seguro e duradouro sobre algo que não está em constante mudança:

Não se pode descer duas vezes ao mesmo rio e não se pode tocar duas vezes uma substância mortal no mesmo estado, pois por causa da impetuosidade e da velocidade da mudança, ela se dispersa e se reúne, vem e vai [...] Nós descemos e não descemos pelo mesmo rio, nós próprios somos e não somos.<sup>5</sup>

Nem mesmo Aristóteles, resistiu à força da necessidade e por isso, ao elaborar sua visão de universo, o representou dividido em um mundo sublunar (formado pelos quatro elementos água, fogo, terra e ar e sujeito às constantes transformações típicas da contingência) e um mundo supralunar (localizado da lua para cima, constituído por um éter, e por isso não é sujeito a transformações: um mundo eterno e não contingente). Já para Rorty, tudo é contingente, sem nenhuma essência ou transcendência. Dizemos “tese de Rorty” porque ele a enunciou com seu próprio vocabulário, muito embora não tenha sido o primeiro a fazê-lo. É neste ponto que podemos observar uma aproximação da ideia de contingência em Rorty com a ideia de imanência e única realidade existente, fundamentada na filosofia de Nietzsche. De fato, a imanência é o mundo que existe. Transcendência, mundo das ideias, céu, metafísica, etc. são subterfúgios criados pelo próprio homem para dar significado à sua vida e determinar uma finalidade exterior a si mesmo, um sentido para a sua existência, de modo que ela se torne suportável. Só existe o mundo na sua imanência:<sup>6</sup>

O ‘mundo verdadeiro’ – uma ideia que para nada mais serve, não mais obriga a nada – ideia tornada inútil, logo refutada: vamos eliminá-la [...] Abolimos o mundo verdadeiro: que mundo restou? O aparente, talvez? ... Não! *Com o mundo verdadeiro abolimos também o mundo aparente.*<sup>7</sup>

<sup>5</sup> HERÁCLITO *apud* REALE, G. *História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média*. v. 1. São Paulo: Paulus, 1990. p. 35-36.

<sup>6</sup> Essa ideia de que o mundo imanente é o único que existe e que o mundo metafísico é uma invenção humana, além da obra *Crepúsculo dos ídolos*, encontra-se também em várias outras obras de Nietzsche, como *Assim falou Zaratustra* (Dos crentes em além mundos); *Genealogia do Moral* II, 16; III,28; *Anticristo* 10. 15. 23; *Ecce Homo* (prólogo) e *Vontade de Potência*1.

<sup>7</sup> NIETZSCHE, F. W. *Crepúsculo dos Ídolos: ou como se filosofa com o martelo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 32.

A aceitação da contingência pode ser concebida como a vivência do devir como algo agradável e desejável. Se antes Platão considerava esse mundo como secundário por estar submetido ao devir, agora é exatamente essa facticidade que vai tornar o mundo belo para Rorty, o ironista. Essa é a afirmação máxima da contingência. Enquanto ironista, Rorty deve manter uma visão sempre duvidosa em relação aos vocabulários utilizados, inclusive o seu. Portanto, sua afirmação aparentemente um tanto dogmática de que “os seres humanos são simples vocabulários encarnados”,<sup>8</sup> à primeira vista, parece conclusiva em relação à natureza humana e pode provocar espanto.

No entanto, uma análise mais atenta a respeito da imanência da linguagem é suficiente para dissipar qualquer dúvida. A expressão rortyana “vocabulário encarnado” é uma variante do vocabulário utilizado por Rorty para se referir à realidade.<sup>9</sup> O reconhecimento da natureza contingente da linguagem que se estende ao homem e a sua condição como resultado do completo acaso e do fluxo da contingência nos revela a ponta do fio de Ariadne que nos conduz, por meio do labirinto da existência, à sua tese sobre a Verdade enquanto construção.<sup>10</sup> É evidente que para Rorty o mundo existe, independentemente de nossa existência. Porém, não afirma que a existência das coisas corresponda a uma Verdade universal e transcendente, levando-nos a sustentar convicções.

Segundo Rorty, isso significa que não existe uma relação direta e necessária entre a existência das coisas e a Verdade,<sup>11</sup> pois somente no enunciado existe a Verdade, ou em suas palavras: “onde não há frase, não há verdade”.<sup>12</sup> Com isso, afirmamos a dimensão humana da verdade. Ela só pode ser enunciada por meio da linguagem, uma criação humana. Fora isso, a própria ideia de Verdade é vazia e ilusória. Rorty reconhece que Nietzsche foi um dos pensadores que tiveram influência na construção da ideia de contingência,<sup>13</sup> ou seja, a metafísica é uma tentativa de renunciar a vida, em função de algo que se acredita existir depois da morte. Dizendo de outra forma, a afirmação da contingência e da imanência no mundo não é nada menos do que aceitar a própria vida em sua totalidade, em sua fatalidade.

---

<sup>8</sup> RORTY, 2007, p. 157.

<sup>9</sup> O vocabulário principal é contingência.

<sup>10</sup> Como esse tema já foi abordado na primeira parte deste artigo, nos limitaremos a rápidas referências.

<sup>11</sup> Atenção aqui para não compreender a verdade como algo que está além ou atrás das aparências. Essa postura platônica também é negada por Rorty como disposto neste texto. A nossa intenção aqui é mostrar que Rorty é anticorrespondentista.

<sup>12</sup> RORTY, 2007, p. 28.

<sup>13</sup> Os demais pensadores indicados por Rorty são Harold Bloom, Freud e Davidson. E Rorty escolhe um deles, no caso Freud, para apresentar suas ideias e servir com referencial teórico. Neste ponto discordamos da escolha de Rorty, por entendermos que Nietzsche contribuiu muito mais no sentido de valorização da contingência como o único mundo que existe. Mas aceitamos com válida a escolha do autor porque somos obrigados a reconhecer que o projeto (se é que podemos falar assim da filosofia imanente de Nietzsche) de Nietzsche tem uma grande funcionalidade no âmbito pessoal, porém o mesmo não aconteceria ao se tentar estendê-lo à coletividade.

Essa é uma tarefa que só pode ser desempenhada pelo indivíduo, quando busca sua identidade por meio da tentativa de se redescrever utilizando seu próprio vocabulário. Com isso, chegamos à contingência da identidade. Quando Rorty fala da contingência da identidade, ele está se referindo à possibilidade de relacionarmos a esfera pública e a privada. Para os gregos antigos, essa relação parecia bem definida, principalmente pelo fato de compreenderem a moralidade como algo que diz respeito à esfera privada, e a ética com a esfera pública. Mas os gregos não eram ironistas. Rorty parece não compreender essa relação de forma tão simples, para ele essas duas esferas são inconciliáveis: podem até coabitarem, mas não é possível fundirem-se em uma só.

Rorty descreve a contingência da identidade como uma tentativa de superar a ideia de uma natureza humana. De fato, ao longo das leituras das obras de Nietzsche, podemos perceber que Rorty, bem como Nietzsche, fundamenta sua filosofia a partir do próprio indivíduo, em detrimento de uma concepção de humanidade. Mesmo vivendo em sociedade, o homem não se reconhece como parte de algo maior, ele se submete aos inconvenientes do convívio porque isso lhe é vantajoso: *“vivemos dentro de uma sociedade, usufruímos dos benefícios de uma comunidade (oh, que benefícios! Por vezes os subestimamos, hoje), residimos nela protegidos, governados, na paz e na confiança, sem ter com que se preocupar”*.<sup>14</sup> A partir desse ponto de vista nietzschiano, Rorty acredita que a coletividade não seria nada além de um aglomerado de indivíduos que não se importam uns com os outros e que vivem juntos somente pelos benefícios, ou em último caso, pelo instinto de sobrevivência.

Logo, a humanidade é um conceito metafísico criado pela moral com a intenção de manter o indivíduo submetido ao *“instinto”* gregário. Por outro lado, a vida em sociedade é, segundo Nietzsche, apenas uma forma de domesticação do homem, uma forma de transformá-lo em um animal de rebanho, incapaz de afirmar sua individualidade. Ou dizendo de forma rortyana, é o indivíduo que se reconhece e se aceita como incapaz de se redescrever segundo seu próprio vocabulário final, e por isso utiliza-se do vocabulário de outro (o pastor). Por isso, é possível perceber que a contingência e a liberdade somente se dará em um ambiente liberal:<sup>15</sup> *“aquela cujos ideais podem ser realizados mais pela persuasão do que pela força, mais pela reforma do que pela revolução, pelos encontros livres e francos das práticas linguísticas e outras práticas atuais com sugestões de novas práticas”*.<sup>16</sup>

É importante antecipar que falar de contingência em uma sociedade liberal é falar da liberdade e da concepção política de Rorty. Podemos chamar tal concepção de *“utopia liberal”*,<sup>17</sup> uma vez que a cultura da sociedade liberal seria a mais bem servida por um

---

<sup>14</sup> NIETZSCHE, F. W. *Genealogia da moral*. São Paulo: Escala, 2007. p. 68.

<sup>15</sup> Esse tema é abordado por Rorty no terceiro capítulo do livro *Contingência, ironia e solidariedade*. O título do referido capítulo é precisamente *“A contingência de uma comunidade liberal”*.

<sup>16</sup> RORTY, 2007, p. 115.

<sup>17</sup> AZEVEDO, F. M. T. *A concepção de contingência em Richard Rorty*. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. p. 59.

vocabulário de reflexão moral e político que girasse em torno das noções de metáfora e autocriação. Além do mais, só é possível pensar a cultura liberal a partir de uma forma ideal, onde todos os membros são esclarecidos e que a crueldade é vista como a pior das coisas que se pode fazer a alguém. *“Isso significa dizer que uma cultura sob esse ponto de vista deve ter o objetivo de esclarecer os homens quanto aos desafios morais e sociais a partir de valores e crenças contextualizadas à presente realidade”*.<sup>18</sup> E é precisamente na tentativa de atender a este desafio que Rorty elabora sua utopia liberal: *“os cidadãos de minha utopia liberal seriam pessoas com uma ideia de contingência de sua linguagem de deliberação moral e, portanto, de sua consciência moral e, portanto, de sua comunidade”*,<sup>19</sup> ou seja, *“ironistas liberais”*,<sup>20</sup> pessoas preocupadas muito mais com redescritção de suas práticas do que com a busca de valores fundamentais ou absolutos.

Talvez o principal motivo que levou Rorty a exaltar a sociedade liberal seja o fato de que nessas comunidades torna-se mais fácil, e cada vez mais frequente, o reconhecimento da contingência da linguagem, por meio da qual o homem constrói a sua Verdade. Podemos falar, portanto, de uma contingência da consciência. O indivíduo liberal, consciente da contingência, superaria a necessidade de busca por princípios ou valores universais, e conseqüentemente deixaria de ser metafísico, como antecipadamente previu Nietzsche. Sua prática estaria pautada somente em comparações históricas e pelo consenso de que ela é a melhor forma possível, pensada pelo homem, para manter um convívio saudável nas relações sociais. O critério aqui é a funcionalidade ou utilidade: neste contexto específico tal coisa é útil? Se for, então deve ser mantida.<sup>21</sup>

Essa postura de Rorty em relação à manutenção do que é útil é descrita como pragmatismo. O que não significa um ponto negativo em sua filosofia. Não temos como agir de outro modo depois da aceitação da contingência. Dentro dessa comunidade liberal pragmática, os valores seriam como metáforas. Assim, a moralidade passa a ser vista como sendo um recurso a serviço dos interesses da nossa comunidade, a partir da referência a um conjunto de práticas, e não de valores universais incondicionais. Isso é o máximo que pode ser dito na tentativa de conceituar uma ética da contingência, proposta por Rorty. Esse indivíduo consciente é o ironista liberal. O ironista é aquele que vive na comunidade liberal, sob a égide da contingência e a reconhece como a única realidade existente: nenhuma questão humana escapa à contingência. A importância de Rorty para filosofia ao fazer essa afirmação, que já havia sido feita por Nietzsche, é o estabelecimento de um novo vocabulário que irá sustentar a noção de contingência:

---

<sup>18</sup> AZEVEDO, 2007, p. 59.

<sup>19</sup> RORTY, 2007, p. 117.

<sup>20</sup> A título de exemplo, Rorty cita Michel Foucault como ironista não liberal e Jürgen Habermas como liberal não ironista. Seguindo a lógica do raciocínio de Rorty, Nietzsche seria classificado como um ironista que não se dispõe a ser liberal.

<sup>21</sup> Esta regra serve principalmente para o uso de vocabulários. Quando um determinado vocabulário já não serve para redescrever alguém ou uma realidade, deve ser substituído por outro.

1. Tem dúvidas radicais e contínuas sobre o vocabulário final que usa atualmente por ter sido marcado por outros vocabulários, vocabulários tomados como finais por pessoas ou livros que ele deparou; 2. Percebe que a argumentação enunciada em seu vocabulário atual não consegue corroborar nem desfazer essas dúvidas; 3. Na medida em que filosofa sobre sua situação, essa pessoa não acha que seu vocabulário esteja mais próximo da realidade do que outros, que esteja em contato com uma força que não seja ele mesmo.<sup>22</sup>

Nessa descrição do ironista, algo chama a nossa atenção: o sentimento de incompletude que nos leva a duvidar até mesmo do nosso próprio vocabulário. Não porque o considera como inferior aos demais com os quais ele entrou em contato, mas sim pelo fato de estar convencido de que nenhum vocabulário pode oferecer a Verdade por muito tempo. De fato, a vida é vista por ele como um constante processo de redescritção no qual vocabulários antigos vão sendo substituídos por outros novos, e mais eficientes.

Aqui retornamos à visão de que cada pessoa é um vocabulário encarnado, e é o convívio desses vocabulários, com outros, considerados como finais, que produz sua dúvida e o torna consciente da fragilidade da contingência do seu próprio vocabulário final: *“aderir ao senso comum é tomar por certo que as afirmações formuladas nesse vocabulário final são suficientes para descrever e julgar as crenças, os atos e a vida dos que empregam vocabulários finais alternativos”*.<sup>23</sup> Na verdade, essa oposição é apenas circunstancial, pois Rorty continua falando demoradamente do ironista em oposição à metafísica. Tal caráter circunstancial perderia o sentido, se identificarmos o senso comum com metafísica. Talvez isso se deva ao fato de que geralmente as pessoas, por influência cristã ou platônica, acreditam na existência de uma Verdade que já está dada e que precisa ser desvelada, mesmo que seja em outra dimensão da existência, que é a marca indelével da metafísica, uma vez que o metafísico não pode abrir mão da transcendência.<sup>24</sup> No entanto, Rorty não considera Nietzsche como sendo o modelo de ironista liberal. Isto porque a proposta de Nietzsche é de se manter na ordem pessoal. Transpor tal filosofia para o âmbito coletivo, além de parecer impossível, poderia ser muito perigoso, para Nietzsche. Mas, neste ponto ocorre-nos uma questão pertinente: o que aconteceria se a ironia substituísse a metafísica no campo político (coletivo)? Quais seriam os efeitos? Seria possível?

Um efeito imediato seria a diminuição da crueldade, uma vez que todos, enquanto ironistas, não fariam uso da força e sim da persuasão para tratar das coisas públicas. E o efeito disso seria uma mudança na forma de vida coletiva, ou seja, a vida em sociedade poderia ser entendida como uma orquestra, na qual cada músico individualmente esforça-se para tocar com perfeição seu instrumento musical, mas compreende que faz parte de algo maior. Dizendo de forma não alegórica, cada membro da sociedade se reconheceria

<sup>22</sup> RORTY, 2007, p. 134.

<sup>23</sup> RORTY, 2007, p. 135.

<sup>24</sup> Nesse sentido, a transcendência é o oposto da contingência, como já foi dito quando relacionamos a ideia de contingência de Rorty com a de imanência de Nietzsche.

como indivíduo e exerceria uma determinada atividade (papel social). O que o motivaria a fazer isso não seria necessariamente uma consciência coletiva, e sim o desejo de conseguir ou manter bens privados. Como todos os indivíduos agem da mesma forma, a sociedade funciona de modo que cada indivíduo possa desfrutar do produto do trabalho de todos, na medida em que disponibiliza para todos aquilo que ele mesmo produziu. Essa comunidade formada por ironistas liberais pode ser descrita pelo vocábulo “*coletividade de indivíduos*”. Criamos esse vocabulário a partir da ideia de “*sujeito individual*” cunhada pelo sociólogo francês Alain Touraine, para se referir a um novo tipo de sujeito que surgiu depois do anúncio da morte de Deus feito por Nietzsche. A experiência nos mostrou que a morte de Deus não nos levou ao triunfo da razão, em detrimento da confiança na providência de um ser supremo criado pelo próprio homem, como tentativa de negar ou fugir da contingência, mas levou o homem a se reconhecer como criador de si mesmo e de sua própria imanência. Nas próprias palavras de Touraine:

A morte de Deus não levou ao triunfo da razão e do cálculo, ou inversamente à liberação dos desejos; mas levou cada indivíduo a afirmar-se como o criador de si mesmo, como sendo a finalidade de sua própria ação, num movimento caleidoscópico onde todos os fragmentos do eu se chocam, se misturam e se destroem mutuamente.<sup>25</sup>

Nietzsche já havia criado outro personagem para se referir ao homem moderno, como sendo o “último dos homens” ou o “homem mais feio”, aquele que matou Deus. Para Nietzsche, Zarathustra corre tentando socorrer o “*homem superior*” quando encontra-se com o mais feio. Diz-lhe Zarathustra: “*conheço-te bem [...] és o assassino de Deus [...] Não suportastes aquele que te via sempre até ao mais íntimo teu, mais feio dos homens! Vingaste-te dessa testemunha!*”.<sup>26</sup> É notável a semelhança entre o ironista descrito por Rorty e o espírito livre de Nietzsche. É imprescindível apontar que Nietzsche alertou que seriam necessários dois séculos para que ele fosse compreendido. E foi aproximadamente dois séculos, depois que Rorty apresentou de forma clara, o ironista, mostrando com isso, que a figura emblemática imaginada por Nietzsche já vive na sociedade liberal do século XX. O espírito livre nietzschiano, o ironista, é também o sujeito individual de Alain Touraine, dos quais se destacam a negação da metafísica,<sup>27</sup> recusando a transcendência e afirmando de forma categórica a contingência: “*eu vos anuncio o super-homem! [...] o sentido da terra*”.<sup>28</sup> A sua vinda faz-se necessária porque a metafísica esgotou suas possibilidades, “*agora tudo tem que ser criado como novo*”.<sup>29</sup> Nietzsche não está interessado em apenas renovar o vocabulário metafísico que herdou, pois ele entende que sua autonomia será possível

---

<sup>25</sup> TOURAIN, A. *Um novo paradigma para compreender o mundo de hoje*. Petrópolis: Vozes, 2007. p 125.

<sup>26</sup> NIETZSCHE, F. W. *Assim falou Zarathustra: um livro para todos e para ninguém*. São Paulo: Martin Claret, 1999. p. 200.

<sup>27</sup> Ao menos como elemento constituinte da organização social.

<sup>28</sup> NIETZSCHE, 1999, p. 25.

<sup>29</sup> RORTY, 2007, p. 177.

somente quando ele se redescrever por meio de um vocabulário final. E Rorty entende essa atitude como autocriação. Porém, não é uma autocriação definitiva, pois todo ironista tem seu vocabulário final, o qual é renovado ou reelaborado, ao entrar em contato com outro. Pensar a redescrição como autocriação é o mesmo que afirmar que o objetivo, é se redescrever a partir de um vocabulário final. Isso se deve ao fato de que, para o ironista, não existiria humilhação maior do que ser descrito pelo vocabulário de outra pessoa.

## Conclusão

O pensamento ético de Rorty constitui-se a partir de uma profunda crítica à metafísica e a tudo aquilo que pode ser compreendido como sendo existente e independente do ser humano. Então, tudo se fundamenta na contingência, em todos os seus âmbitos, desde a linguagem, a identidade e a comunidade liberal. Sendo a contingência a única realidade que existe, esse fluxo atinge constantemente a nossa vida, só podendo falar de uma Verdade a partir da própria contingência, que não é absoluta e que difere de pessoa para pessoa, de acordo com o vocabulário utilizado para realizar a redescrição de si, ou seja, é uma verdade construída pelo homem e que bota em cheque toda tentativa filosófica que busca uma Verdade universal. A crítica da metafísica, empreendida por Nietzsche, dois séculos antes, ou mesmo sua negação, feita por Rorty, revela-se impactante, na medida em que denuncia o homem moderno, como aquele que ainda vive no senso comum, e dorme o sono da ilusão metafísica.

Rorty, assim como o Zaratustra de Nietzsche, anuncia um novo homem: o ironista liberal ou espírito livre. Rorty empreende críticas a Nietzsche, inclusive dando o veredicto de que sua filosofia do martelo só pode ser exercida no âmbito pessoal, e que não serve no campo político, ou no mínimo seria bastante perigosa. Mas, podemos nos perguntar: será realmente possível uma transformação da sociedade se não for partindo de uma transvaloração do próprio indivíduo? Afinal, aquilo que é de responsabilidade de todos não é de responsabilidade de ninguém individualmente. Embora Rorty não reconheça explicitamente, aquilo que ele disse com seu próprio vocabulário, sobre a Verdade e a contingência, bem como a negação da metafísica, já havia sido dito em forma de aforismos por Nietzsche. Assim, a contingência apregoada por Rorty pode corresponder à imanência descrita por Nietzsche como sendo o único mundo verdadeiro. Essas constatações não tiram o brilho da filosofia de Rorty, muito pelo contrário, só a enobrece por vários motivos, dos quais se destaca a sua capacidade de, segundo sua própria tese dos vocabulários finais, redescrever o mundo e a si mesmo a partir do seu próprio vocabulário. E ao fazer isso, pode contemplar horizontes bem mais distantes do que sonhara Nietzsche, ou melhor, a possibilidade de efetivação de sua ideia filosófica como prática política.

## Referências

AZEVEDO, F. M. T. *A concepção de contingência em Richard Rorty*. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

NIETZSCHE, F. W. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. São Paulo: Martin Claret, 1999.

\_\_\_\_\_. *Crepúsculo dos Ídolos: ou como se filosofa com o martelo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. *Genealogia da moral*. São Paulo: Escala, 2007.

REALE, G. *História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média*. v. 1. São Paulo: Paulus, 1990.

RORTY, R. *Contingência, ironia e solidariedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

TOURAINÉ, A. *Um novo paradigma para compreender o mundo de hoje*. Petrópolis: Vozes, 2007.